

Expresso

17-09-2016

Periodicidade: Semanal

Classe: Inf

Informação Geral

Âmbito: Nacional Tiragem: 131300

Temática: Economia

Dimensão: 392 cm²
Imagem: S/Cor

34

Página (s):



Empreendedor e professor de Finanças olham para a nossa economia

O pressuposto do pastel

André Alvim José Miguel Pinto dos Santos

aversão à liberdade de mercado. entranhada em muitos sectores da sociedade portuguesa, alicerça-se num pressuposto errado: que o tamanho do pastel é fixo. Que se alguém entrar no meu mercado, os que já cá estamos vamos ter menos negócio, menos emprego e menos rendimentos. Apesar de antigo e de contrariado por toda a evidência empírica, o pressuposto continua popular. Serviu de justificação económica ao condicionamento industrial da Segunda República, e atua poderosamente no subconsciente de estivadores, taxistas e de muitos outros que regularmente pedem ao Estado que regule e limite o acesso ao seu mercado.

Mas o pressuposto é errado. É verdade que a concorrência obriga mudanças e adaptações aos incumbentes, que por vezes podem ser penosas. Mas a evidência de dois séculos de história económica é que a livre concorrência tem tendência a fazer expandir mercados, e que a sua coerção os faz estagnar, com todas as consequências positivas para o rendimento e bem-estar das populações num caso, e com todas as consequências negativas no outro.

Douradas e robalos são excelente exemplo para estivadores e taxistas. Desde tempos imemoriáveis que douradas e robalos são pescados. Durante este tempo todo não ocorreu a ninguém que em vez de pescados poderiam ser criados, como galinhas e porcos eram criados em galinheiros e pocilgas. Quando, há 20 anos, começaram a surgir as primeiras unidades de piscicultura, instalou-se o pânico entre os empresários e trabalhadores do sector: o peixe criado, mais barato, ia-lhes "roubar" o mercado. Mas, mais uma vez, o pressuposto do pastel revelou-se falso. Sem que o ministério da tutela regulasse nada, criaram-se espontaneamente dois segmentos de mercado: o peixe de viveiro começou a ser vendido a preços a um nível um pouco mais baixo que até então o pescado conseguia na praça; e o pescado selvagem, não só não desapareceu das bancas, mas viu o seu preço aumentar significativamente. É verdade que o volume de vendas de douradas e robalos selvagens diminuiu um pouco, mas a subida de preço mais do que compensou essa descida, com efeitos positivos para os rendimentos dos timoratos empresários e trabalhadores do sector. Pode parecer incrível mas não foi o Estado que legislou a subida de preço do pescado, mas a entrada no mercado de um produto substituto que teve esse efeito.

Um agente económico é sempre acompanhado por uma sombra: a sua concorrência. Uma pessoa saudável não se assusta com sombras mas está consciente delas e sabe que fazem parte da natureza das coisas. É doentio pedir ao Estado proteção contra novos concorrentes. E para mais, o 25 de Abril não era para acabar com os privilégios?